
João Ferros

PSICOLOGIA AMBIENTAL

O outro lado
da arquitetura



.01 Além de Portugal já esteve e faz trabalhos em outros países como Emirados Árabes Unidos, Brasil, Angola, França, Espanha e trabalhou com um atelier de referência mundial como a *Renzo Piano Building Workshop*. Esta inquietude é necessidade ou desejo?

A necessidade de enriquecimento cultural, social e profissional faz-nos "voar e crescer" nas melhores vertentes e isso reflete-se na nossa vida pessoal. A dificuldade em recusar desafios profissionais, associada à sede de crescer tem-me levado a desenvolver e participar em projetos aliciantes e a conhecer profissionais fantásticos. A *Renzo Piano Building Workshop* é um atelier de uma execução metodológica fantástica e de uma humildade pouco vulgar. A interação e coordenação permitiram um crescimento pessoal e profissional e uma abertura para interpretar a execução de projetos de uma outra forma.

.02 Hoje a modernização obriga os arquitetos a uma intervenção mais tecnológica. Ainda existe o papel e lápis?

Sem dúvida que a tecnologia tem sido e será sempre uma ferramenta poderosa e obrigatória no nosso mundo, mas como em tudo, há o lado bom e o lado mau, e nesse aspeto, o papel e lápis são também eles uma necessidade. Um dos meus "mestres de arquitetura" fazia questão de me dizer que os arquitetos são seres pensantes por natureza, mas nunca deverão ser egoístas, permitindo que o lápis "pense" juntamente connosco. "As ideias vão surgindo, página após página, e o lápis só irá parar quando o arquiteto se levantar para passear um pouco."



.03 Muitos consideram que os arquitetos têm tendência para complicar. Concorda?

Pelo contrário! Os arquitetos têm sempre tendência para mostrar que há solução até para o complicado. Como arquiteto, defendo que o nosso verdadeiro entusiasmo não se baseia na escala, mas sim na complexidade do desafio que nos apresentam. Quando um cliente nos apresenta uma proposta já considerada como impossível de executar em projeto, isso certamente só nos entusiasma mais como profissionais. O impossível não existe na arquitetura. Ao arquiteto Frank Lloyd Wright foi-lhe pedido um projeto de uma moradia num terreno com cerca de 12.000,00 m²... foi logo projetar em cima de uma cascata...!

.04 Está neste momento a desenvolver um projeto que abrange a área da psicologia, mais especificamente da Psicologia Ambiental. Acredita que a vertente psicológica deverá estar associada ao mundo da arquitetura?

O arquiteto deverá estar consciente da esfera social e cultural do indivíduo. A sua atuação, comprometida por essa realidade, contribuirá na solidificação do fundamento urbanístico e arquitetónico. Deve-se utilizar a arquitetura para a valorização psicológica da sociedade. Um contributo para desenvolver novos métodos de análise e/ou criar novos pontos de análise, associados à interpretação e compreensão da Psicologia Ambiental, na relação com o Ambiente onde se insere, e consequentemente conduzir a novos métodos de intervenção sobre espaços a reconstruir ou sobre qualquer área a definir de raiz.



.05 Então pode-se dizer que a vertente da Psicologia Ambiental, associada à arquitetura, poderá ser a solução para vários problemas de regeneração urbana?

O método de ação sugerido não procura encontrar uma solução, mas sim criar uma ferramenta que possibilite a ampliação de outras vertentes metodológicas. Uma integração e adaptação no método de execução de cada arquiteto permitindo aos usuários dos espaços intervenções, uma visão crítica e comunitária, resultando em potenciais benefícios. A interdisciplinaridade fortalece a comunicação entre os arquitetos e os futuros usuários, tornando o projeto mais qualificado e participativo da vida quotidiana e traz riquezas indispensáveis sobre as inter-relações pessoa-ambiente e a sua complexidade.

.06 Que estratégias podem ser aplicadas com base no estudo da Psicologia Ambiental?

Poderemos ter noção da percepção ambiental das pessoas nos diferentes lugares, principalmente nas praças públicas, requalificadas e criadas de raiz. Identificar a interpretação dos próprios habitantes locais, na conceção e requalificação desses espaços, se o desenvolvimento e construção dos espaços obrigaram a alterações na estrutura urbana e quais as consequências na administração municipal. Consideramos a possibilidade da criação de um equipamento, ou criação/requalificação de uma praça, apresentar movimentação económica e social na cidade e influenciar mudanças do próprio contexto urbano.

.07 Podemos, então, dizer que o meio ambiente altera o comportamento humano, assim como o comportamento humano altera o meio ambiente?

Sem dúvida. O ser-humano é detentor de uma habilidade inata de transformar o ambiente para servir as suas necessidades. Apesar da complexidade biológica e física da inter-relação entre o Homem e o ambiente, são os fatores psicológicos e sociais que interessam. O ambiente

psicológico do ser humano é construído e usufruído pelo próprio, e é por ele ser influenciado pelo seu próprio produto de transformação, que a pesquisa deste relacionamento é tão crucial. Compreendendo as implicações dos inter-relacionamentos pessoa-ambiente, nós poderemos reverter e recanalizar ações que modificam o ambiente.

.08 O seu projeto baseia-se em ambientes construídos, ambientes a construir ou ambientes naturais?

Como arquiteto, o meu interesse recai sobre o ambiente construído. Enquanto ser social, o ser Humano interage com tudo ao seu redor, promovendo variados intercâmbios entre os objetos que o rodeiam, assim como com toda uma gama de ambientes que povoam as suas sensações, as suas cognições e as suas expectativas. O conceito de lugar constitui-se como uma forma ambiental construída, repleta de significados simbólicos que atraem os usuários e, cuja realização da percepção leva ao sucesso e vitalidade dos espaços urbanos, para uma futura orientação de projetos de arquitetura e urbanismo.

.09 Como deveria ser entendido a relação entre o passado de um espaço público e a sua modernização, antes de qualquer projeto de revitalização/recuperação?

Reutilizar os edifícios inseridos dentro das cidades leva à re-ocupação de prédios abandonados e, consequentemente, à preservação das zonas rurais, evitando o avançar em área urbana, reinserindo os espaços degradados num contexto urbano e social. A requalificação das edificações cativa a memória como o elo principal na relação entre o Homem e o ambiente, transformando um espaço num lugar. O orgulho dos moradores das áreas intervencionadas vem da valorização cultural, socioeconómica e histórica do local, um lugar repleto de características sociais onde o conforto e prazer estão bem patentes.